



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional

Sub-eixo: Fundamentos do Serviço Social

OS DESAFIOS DA PÓS-GRADUAÇÃO: RELAÇÃO ORIENTADORA E ORIENTANDAS

CRISTIANE BONFIM FERNANDEZ ¹

FABIANNE CRISTINA RODRIGUES SAMPAIO ²

Samanta de Rezende Crolman ³

Thaís de Souza Soares ⁴

Resumo: O texto relata a percepção da orientadora e orientandas do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia sobre desafios vivenciados na pós-graduação. O resultado mostra que diálogo, conhecimento das expectativas e papéis do orientador e orientando são fundamentais para um processo de orientação satisfatório que atenda as exigências da produção intelectual.

Palavras-chaves: pós-graduação, desafios, orientadora, orientandas.

Abstract: The text reports the perception of the supervisor and students of the Postgraduate Program in Social Service and Sustainability of the Amazon about challenges experienced in postgraduate studies. The result shows that dialogue, knowledge of the expectations and roles of the advisor and the student are fundamental for a satisfactory orientation process that meets the demands of intellectual production.

Keywords: postgraduate studies, challenges, advisor, students.

¹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

² Secretaria Municipal da Mulher Assistência Social e Cidadania

³ Defensoria Pública

⁴ Fundação Amazônia Sustentável

1. Introdução

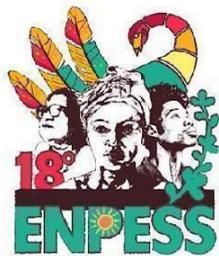
A Pós-graduação em Serviço Social tem conquistado espaço no cenário brasileiro e avançado ao longo dos anos. No último quadriênio 2017-2020 foram implantados 3 novos Programas de Pós-Graduação (PPG): UFRB e UFBA da Região Nordeste e UFT da Região Norte, contribuindo assim para redução das assimetrias regionais. “ Dos 36 PPG da Área de Serviço Social : 25% receberam nota 3; 30,56% receberam nota 4; 22,22% receberam nota 5; 16,67% receberam nota 6 e 5,55% receberam nota 7” (CAPES, 2021, p.50).

Além da expansão numérica de PPG houve um aumento no quantitativo da produção intelectual discente e de egressos no Brasil. Em nível do Programa de Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia (PPGSS), não foi diferente. A realidade da produção discente tem acompanhado o cenário nacional na elaboração de artigos, mas, sobretudo, de capítulos de livros de autoria conjunta - docentes e discentes. Por trás dos dados quantitativos, há o legado da iniciação científica, da pesquisa de mestrado e a defesa da dissertação. Tal processo tem sido permeado pela relação orientador-orientando, em que pesa o papel importante do professor no direcionamento da pesquisa, seja nas relações individuais e/ou por meio de grupos de pesquisa. Partindo deste entendimento, nós – orientadora/orientandas – decidimos compartilhar a experiência e desafios do dia a dia vivenciado no PPGSS.

O relato desta experiência segue uma rota. Primeiramente, compartilhamos um pouco da história do PPGSS para que saibam de onde falamos; em seguida, dialogamos com alguns autores sobre a relação orientador/orientando na pós-graduação, e, por último, ouvimos as protagonistas desta história. Assim sendo, convidamos o leitor a conhecer os desafios da vida de pesquisadoras de pós-graduação, de Serviço Social, da Amazônia.

2. PPGSS – um pouco da nossa história

O Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas representa um avanço para o ensino, pesquisa e extensão no Estado do Amazonas pois “tendo sido uma resposta aos anseios da categoria que clamava por formação específica em Serviço Social” (Pinheiro, Andrade e Cunha, 2020, p. 491). O curso em nível de mestrado foi aprovado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/MEC), em 10 de maio de 2007, através do Parecer nº 115/2007 (Silva, 2022).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Fruto do sonho do colegiado do departamento de Serviço Social da UFAM, o Programa foi pensado para abordar a questão socioambiental, considerando o cenário amazônico no qual o curso e a instituição estão inseridos (Silva e Andrade, 2022).

O Amazonas é um estado da região norte que contempla uma rica e exuberante floresta com belezas naturais, abrangendo 62 municípios. Possui uma área territorial de 1.559.255,881 km², com 3.941.613 habitantes e com Índice de Desenvolvimento Humano – IDH de 0.7% (IBGE, 2022). No entanto, o estado “é palco de inúmeras desigualdades sociais e questões socioambientais que demanda (...) pesquisas que desnudem tal realidade, de modo a favorecer a construção de estratégias de enfrentamento”. (Pinheiro, Andrade e Cunha 2020, p. 489-90).

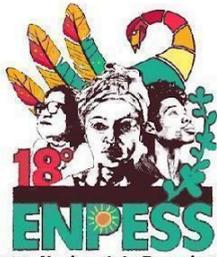
O PPGSS “é a única pós-graduação *stricto sensu* em Serviço Social do estado do Amazonas e a segunda criada na região Norte do país, sendo que a primeira foi fundada na década de 90 no estado do Pará” (Pinheiro, Andrade e Cunha, 2020, p.489). Implantado no lapso temporal de quase sessenta anos desde a criação do curso de graduação em Serviço Social na capital em 1941 (Pinheiro, Andrade e Cunha, 2020). É considerado um curso “jovem” que completará 17 anos de existência este ano.

Segundo Andrade *et.al.* (2024) o Programa surge para formar recursos humanos críticos e reflexivos para atuarem nas políticas públicas e ampliar a qualificação de docentes em Serviço Social. Além disso, o curso contribui com a produção de conhecimento sobre a questão social na Amazônia e suas múltiplas expressões na sociedade, com ênfase na área socioambiental, através de uma intervenção interdisciplinar.

O PPGSS realiza seleção anualmente, desde a primeira turma em 2007. No entanto, excepcionalmente, quando as vagas ofertadas não são preenchidas, ocorre mais de um processo seletivo no ano. Segundo Andrade *et al.* (2024) , desde a primeira turma em 2009 até 2022, o Programa formou 148 mestres com produções em diversas temáticas, vinculadas aos oito grupos¹ de pesquisa.

Consentimos com Pinheiro, Andrade e Cunha (2020) que ao longo dos anos, o curso vivenciou novas experiências, mudanças e desafios que contribuíram para a maturidade científica e a formação interdisciplinar do Programa, evidenciando as particularidades regionais da

¹ Grupo de Estudos e Pesquisa em Processos de Trabalho e Serviço Social na Amazônia (GETRA); Grupo Interdisciplinar de Estudos Socioambientais e de Desenvolvimento de Tecnologias Sociais na Amazônia (GRUPO INTER-AÇÃO); Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Sociais e Seguridade Social no Amazonas (GEPSSAM); Grupos de Estudo, Pesquisa e Observatório Social: Gênero, Política e Poder (GEPOS); Grupo de Estudos de Sustentabilidade, Trabalho e Direitos na Amazônia (ESTRADAS); Grupos de Pesquisa em Gestão Social, Direitos Humanos e Sustentabilidade na Amazônia (GEDHS); Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Teoria Social Crítica, Estado, Movimentos Sociais e Políticas Sociais (TEMPPUS).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Amazônia e a produção de conhecimento científico sobre as expressões da questão social. Dentre as mudanças ocorridas ao longo dos anos surgiram alterações na proposta do programa, no regimento interno e nas linhas de pesquisa, contudo, manteve-se a área de concentração vinculada à sustentabilidade na região.

A matriz curricular atual, de 2022, contempla duas linhas de pesquisa: 1- *Serviço Social, Trabalho e Políticas Públicas*, que busca compreender a relação entre trabalho, políticas públicas e o capitalismo na particularidade amazônica e a 2 – *Questão Social, Direitos Humanos e Sustentabilidade* que investiga as expressões da questão social, as relações de violências, diversidade socioambiental e movimentos sociais

No que se refere a inserção social, um dos critérios de avaliação da CAPES, Silva *et al.* (2020) apontam que o debate sobre a relevância e visibilidade da produção científica na região, implica a responsabilidade social da pós-graduação frente ao “tensionamento exposto pela ausência de recursos, pela precarização das condições de trabalho e pelo produtivismo” (Pinheiro, Andrade e Cunha, 2020, p.129).

Dentre as estratégias de desenvolvimento e consolidação do PPGSS/UFAM está o Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia – PROCAD/Amazônia (2018-2024), coordenado pela UFAM e realizado em parceria com os PPG da UFPA e PUC-RS. que tem aprimorado a formação da pós-graduação das três instituições envolvidas visando à melhoria da qualidade dos Programas de Pós-Graduação – PPG, através de projetos de pesquisa, produções científicas e participação em bancas examinadoras conjuntas.

Outro destaque corresponde as pesquisas e as produções de coletâneas desenvolvidas pelo Programa com a participação dos oito grupos de pesquisa contribuindo para a articulação entre graduação e pós-graduação e o aprimoramento científico e acadêmico.

O PPGSS em suas primeiras avaliações vivenciou muitos desafios para sua consolidação associado ao receio do descredenciamento, devido a três avaliações consecutivas em que obteve nota três pela CAPES. Hoje, somos nota 4. Importante ressaltar que em 2007 a ficha de avaliação, segundo Capes (2019) passou a ser composta por 5 quesitos. 1-Proposta do Programa, 2- Corpo Docente, 3 – Corpo Discente, Teses e Dissertações, 4 – Produção Intelectual, 5- Inserção social. Logo, foi neste cenário que o Programa vivenciou suas primeiras avaliações trienais. Todavia, desde 2017 as avaliações passaram a ser quadrienais e atualmente a ficha de avaliação contém apenas 3 quesitos – *Programa, Formação e Impacto na Sociedade*.

Cada programa é atribuído uma nota que varia de 1 a 7, sendo que notas 6 e 7 indicam excelência internacional, 3 e 4 um desempenho considerado suficiente. No entanto, programas com nota 3 enfrentam um risco constante de descredenciamento, o que pode levar à perda de financiamento e de bolsas de estudo. Assim, esses programas precisam realizar planejamentos estratégicos, criar comissões especializadas e buscar avanços contínuos para melhorar suas avaliações e garantir a continuidade e o desenvolvimento de suas atividades. (CAPES, 2024)

Segundo Silva (2022) foram necessários planejamentos e criações de comissões especializadas para divisão de atividades em busca de avanços para o programa que desde 2016 vivenciou uma redução de investimentos públicos, intensificados em 2019, com o corte de verbas e a interrupção do recebimento de bolsas da CAPES por discentes do programa.

Outro desafio para o Programa foi de se adaptar ao contexto de calamidade pública de saúde decorrente da pandemia. O Amazonas foi um dos estados brasileiros que sofreu com a pandemia. No período de março de 2020 a fevereiro de 2021 cerca de 11 mil mortes foram causadas por complicações da Covid-19. O estado enfrentou duas ondas da doença, associado a falta de oxigênio, segundo o Jornal G1 Amazonas (2021). A situação pandêmica afetou todos os setores, inclusive a educação superior, e docentes, discentes e técnicos “precisaram se distanciar rapidamente devido aos impactos adoeceadores da doença e de um distanciamento social causado pela pandemia da covid-19 (Silva, 2022, p. 121). Consequentemente, foi necessária uma nova configuração de trabalho, ensino e aprendizagem. Foi implantado o Ensino Remoto Emergencial (ERE), após um período de paralisação e reorganização. Assim, concordamos com Silva (2022) que o programa vem se desenvolvendo num ciclo que envolve foco, zona de conforto e pressão, executado pelas mãos de docentes, discentes, técnicos e egressos que se uniram para avançar na avaliação para alcançar a nota 4 do curso.

PPGSS é um curso que surge para ampliar saberes e promover conhecimento na área de serviço social e afins, articulando políticas públicas e o campo da docência, ressaltando a área de sustentabilidade, tão presente na Amazônia. O programa percorre ainda muitos desafios, tanto em nível pedagógico como estrutural, e de limitação de recursos humanos. Todavia, tem envidados esforços para ampliar seu alcance na sociedade e contribuir com pesquisas nas ciências sociais aplicadas, por meio do trabalho coletivo de docentes, discentes, técnicos e egressos.

3. Relação orientador- orientandos

A Pós-graduação nos remete à qualificação profissional, à necessidade de uma titulação para fins de progressão de carreira ou qualificação para atendimento as demandas do mercado de trabalho pois a realidade em constante transformação exige capacitação contínua e competência para enfrentar os desafios. E assim, para obtenção de mais conhecimento, o discente chega ao Programa de Pós-Graduação (PPG) em busca de seu título acadêmico. Uma das preocupações do calouro da pós-graduação é saber quem será seu orientador e como ocorrerá o processo de orientação. Esta escolha varia entre os PPG, em alguns casos, o próprio aluno indica/escolhe o orientador; em outros, o orientador e/ou o Programa, por meio de seu colegiado, decide. Por outro lado, o professor-orientador desenvolve a mesma preocupação.

Leite Filho e Martins (2006) estudaram a relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. Semelhantemente, Nóbrega (2018) trata da orientação acadêmica, sobretudo, relacionamento orientando-orientador e Demo (2022), em “Dissertações e Teses – Manual de Sobrevivência, defende que o papel do orientador é cuidar da autoria do candidato. Sendo assim, tais autores se constituem a base do diálogo e do relato sobre a relação orientadora- orientandas frente aos desafios da pós-graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia.

Programas de pós-graduação são avaliados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que usa com critérios de avaliação os indicadores quantitativos da produção intelectual discente - tempo de defesa, número de alunos por orientador, desligamentos. Isso significa que a relação professor orientador e aluno orientando pode interferir na qualidade da pesquisa. “Parte-se da premissa de que um dos pontos críticos, responsável por fracassos e sucessos dos alunos da pós-graduação, é a qualidade da orientação “. (Leite Filho e Martins, 2006, p.100).

Qualidade da orientação enquanto ponto crítico significa deficiência, fragilidade, preocupação e requer um debate profundo entre pares, uma avaliação. Pode-se pensar em não se intrometer na relação orientador-orientando, mas, não é assim, pois fazendo parte de um coletivo temos papéis a desempenhar. Neste caso, orientador e orientando devem estar cientes de seus papéis, de suas prerrogativas para que o processo flua com sucesso, isto é, com qualidade, no tempo previsto, com expectativas correspondidas, sem adoecimentos emocionais ou desistências. Sabemos que não existe orientador e nem o orientando ideal, mas, é necessário construir a relação desde o início, ou seja, estabelecer e dar a conhecer as regras do jogo antes

dele começar. Logo, tempo, planejamento, diálogo são elementos essenciais para garantir essa qualidade.

Os estudos de Leite Filho e Martins (2006) apresentaram quatro características da relação: *primeiro*, orientadores autocráticos cuja tendência era aceitar aluno para seus interesses de pesquisa; *segundo*, enquanto orientadores buscavam orientandos comprometidos com o Programa, alunos buscavam segurança nos orientadores e a maior dificuldade se evidenciava quando o professor não era acessível ou pouco acessível, - ambos “tendenciosos ao imputar as responsabilidades da orientação aos seus opostos” (p.104); *terceiro*, encontros de orientação – alunos identificaram dificuldades de se encontram com seus orientadores – encontros assistemáticos, esporádicos, informais, orientações ineficazes, imposições, autocracia; *quarto*, a relação entre qualidade de tese/orientação e orientação recebida. Destaca-se o papel fundamental do orientador no processo de construção do trabalho final, segundo orientandos e orientador. Isto é, a parceria estabelecida determina a qualidade do trabalho. “A falta de sistematização e o ambiente de autocracia provocam nos orientandos sentimento de insegurança, angústia e solidão. Estes sentimentos também decorrem da falta de contato, da conseqüente falta de apoio, de direcionamento e de retorno dos orientadores”. (Leite Filho e Martins, 2006, p.106)

Portanto, a pós-graduação representa um caminho para a qualificação profissional e um desafio complexo para os estudantes, especialmente quanto à relação estabelecida com seus orientadores acadêmicos. Desta forma, seguimos em nossas reflexões a partir do pensamento de Nóbrega (2018) para quem a escolha do orientador é um ponto crucial que pode influenciar diretamente a trajetória acadêmica e emocional do orientando. Nóbrega identifica diversas mudanças no perfil dos estudantes de pós-graduação e seus impactos na dinâmica de orientação; além de desafios relacionados as expectativas acadêmicas elevadas, as pressões por resultados rápidos e a influência crescente da tecnologia na comunicação e no processo de orientação.

Para superação destes desafios, entendemos que desde o começo da relação deve existir um diálogo aberto e transparente entre orientador e orientando em que se defina claramente a expectativa de ambos. Marcar reuniões regulares e criar um ambiente de trabalho colaborativo podem melhorar bastante a qualidade e a satisfação da orientação.

A relação entre orientador e orientando na pós-graduação não se limita apenas à supervisão acadêmica, ela afeta o desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes. Portanto, investir na qualidade dessa relação melhora a experiência acadêmica do orientando e

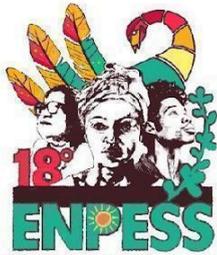
contribui para o fortalecimento do programa de pós-graduação como um todo, conforme exigido pelos critérios de avaliação da CAPES.

A orientação acadêmica na pós-graduação é um processo complexo e dinâmico, que envolve a transmissão de conhecimentos técnicos e um relacionamento interpessoal significativo entre orientador e orientando. Segundo Nóbrega (2018), a falta de preparo formal para a função de orientação muitas vezes leva os orientadores a agirem de forma intuitiva, baseando-se em suas experiências passadas como orientandos ou em práticas informais de supervisão o que se constitui uma lacuna nos programas de pós-graduação. Muitos orientadores assumem essa responsabilidade baseados em suas qualificações acadêmicas na área de pesquisa dos estudantes, mas sem treinamento adequado nas habilidades pedagógicas e emocionais necessárias para uma orientação eficaz. Isso pode levar a desafios como falta de clareza nas expectativas, dificuldades de comunicação e falta de apoio emocional aos orientandos.

Para enfrentar esses desafios, os programas de pós-graduação devem investir na formação contínua dos orientadores. Isso inclui o desenvolvimento de habilidades de ensino e supervisão e a sensibilização para as necessidades emocionais dos orientandos durante o processo de pesquisa. Estabelecer orientações claras sobre as responsabilidades mútuas, promover uma comunicação franca e definir metas realistas são medidas cruciais para aprimorar a qualidade da orientação acadêmica.

Além disso, o orientador deve cultivar uma comunicação aberta e empática. Estar disponível para oferecer “feedback” construtivo sobre o trabalho acadêmico do orientando e demonstrar uma postura encorajadora e solidária são aspectos essenciais. Isso não apenas fortalece a relação de confiança, mas também ajuda a alinhar as expectativas emocionais dos orientandos, que muitas vezes desejam suporte não apenas acadêmico, emocional durante o processo de pesquisa.

Outro ponto relevante é a autonomia dos orientandos. Nóbrega (2018) ressalta que autonomia não significa abandono, mas promoção de um espaço onde os estudantes explorem suas próprias ideias e iniciativas, com suporte e orientação adequados. Isso implica em adaptar o estilo de orientação às necessidades individuais dos orientandos, reconhecendo suas singularidades e estágios de desenvolvimento acadêmico. Neste sentido, como afirma Demo (2021), a função basilar do orientador é cuidar da autoria do candidato - para que ele “se emancipe” e aprenda a conduzir o seu destino científico.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

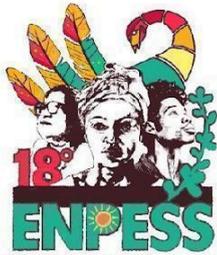
A relação entre orientador e orientando não se limita à transmissão de conhecimento e orientação metodológica. Ela engloba uma série de interações e práticas que, quando bem conduzidas e respeitadas, contribuem para o sucesso e a realização pessoal e profissional dos envolvidos. A valorização mútua de qualidades e o estabelecimento de procedimentos claros são essenciais para o fortalecimento da pesquisa acadêmica e a formação de profissionais capacitados e éticos.

O papel do orientador vai além da mera correção metodológica. É essencial que ele faça comentários que escaparam ao orientando durante a redação do trabalho. Isso inclui correções gramaticais ou estruturais e pontuações que contribuam para o aprimoramento teórico e metodológico da pesquisa. Receber o trabalho em tempo hábil é fundamental para que o orientador ofereça uma leitura reflexiva e atenta, essencial para o desenvolvimento acadêmico do orientando. (Nóbrega, 2018)

Nóbrega (2018) discute com outros autores acerca das qualidades essenciais para orientadores e orientandos. Orientadores devem possuir não apenas conhecimento técnico, mas profissionalismo, interesse genuíno pelo desenvolvimento acadêmico do orientando, flexibilidade para ajustar métodos de orientação, paciência no processo de aprendizado, habilidades de comunicação eficazes, criatividade na abordagem de problemas, respeito pela autonomia e opiniões do orientando, honestidade nos retornos, responsabilidade na condução do processo e organização para gerenciar prazos e atividades. Por sua vez, orientandos são valorizados por características como motivação na pesquisa, clareza na definição de metas e execução do trabalho, curiosidade intelectual que estimule a exploração de novas ideias, entusiasmo pela área de estudo, ambição para alcançar resultados significativos, respeito pelo conhecimento e ética acadêmica, disciplina pessoal para gerenciar seu tempo e dedicação ao trabalho proposto.

Para assegurar a qualidade e a avaliação positiva dos programas de pós-graduação, é essencial sistematizar essas qualidades e adotar procedimentos eficazes na orientação acadêmica. Isso inclui o comprometimento dos orientandos desde o início do programa, o desenvolvimento cuidadoso dos trabalhos desde o começo, evitando plágio e respeitando padrões éticos rigorosos. Aos orientadores cabe reduzir a assimetria de poder, ouvindo atentamente os orientandos, compreendendo suas necessidades individuais e planejando atividades que enriqueçam sua formação acadêmica e profissional.

Portanto, a orientação acadêmica na pós-graduação vai além da simples supervisão técnica, constitui-se um processo dinâmico que envolve um relacionamento de confiança e



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

colaboração entre orientador e orientando. Investir na formação e no suporte contínuo dos orientadores melhora a experiência dos estudantes e fortalece a qualidade e a relevância dos programas de pós-graduação como um todo. Considerando esse entendimento focaremos a seguir nas falas dos envolvidos no processo de orientação – docente e discentes do PPGSS, a partir da convivência mútua.

4. Relato de Experiência – compartilhando vivências e percepções

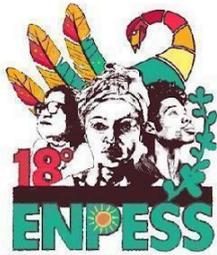
Em se tratando de um relato de experiência sobre a relação orientador- orientandos é necessário ouvir os envolvidos. Para tanto, optamos pela exposição espontânea das três orientandas e da orientadora, seguida de uma síntese que considera expectativas e conflitos presentes na vivência de orientação. Dito isso, ouviremos a primeira orientanda.

A relação orientando-orientador ocorreu a partir do ingresso no mestrado no Programa de pós-graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia- PPGSS/UFAM, neste ano de 2024. Embora recente o ingresso na pós-graduação, a nova fase de responsabilidades e exigências acadêmicas sob a supervisão da orientadora tem acontecido em um ambiente de familiaridade, devido a experiências prévias, que facilitaram a adaptação da orientanda, permitindo manter um ritmo de trabalho consistente, com acolhimento e expectativas claras.

A experiência advém da trajetória na graduação, como orientanda/aluna na disciplina de pesquisa e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC 2019/2020. Além da experiência acadêmica no Grupo de Estudo e Pesquisa em Processo de Trabalho e Serviço Social na Amazônia (GETRA), no período da graduação, que tem possibilitado a participação em atividades de pesquisa.

A trajetória anterior com a orientadora revelou-se vantajoso na pós-graduação, alinhando expectativas e métodos de trabalho, favorecendo uma comunicação eficaz e uma colaboração produtiva entre orientanda-orientadora. A confiança mútua construída durante a experiência anterior reflete diretamente na qualidade do trabalho desenvolvido em conjunto. A orientadora sempre valorizando a autonomia das suas alunas e cobrando resultados, promove um equilíbrio fundamental para o desenvolvimento como pesquisadoras das orientandas. Sua abordagem incentiva academicamente e oferece conselhos sobre a vida pessoal e profissional, criando um ambiente de confiança e respeito.

Na pós-graduação, a responsabilidade e o contato são mais profundos com leituras e obras densas. É natural surgirem entendimentos e posicionamentos diferentes, característicos da



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

maturidade acadêmica. Nestes momentos, saber mediar e estudar para se empoderar é crucial. A orientadora, com sua compreensão, ética e comprometimento, tem desempenhado um papel fundamental em nortear e compreender esses posicionamentos, essenciais para garantir uma jornada tranquila e respeitosa.

Ainda assim, na trajetória existem desafios de conciliar a vida pessoal e profissional com a pós-graduação que exige dedicação intensa para leituras densas, participação em disciplinas, produção de artigos, debates e seminários, além de atividades extracurriculares. Lidar com questões de produtividade, evitar a procrastinação, manter organização e cuidar da saúde física e mental são desafios constantes que requer esforço pessoal contínuo pois sem disciplina e organização, tornam-se mais difíceis superá-los.

Embora a trajetória na pós-graduação esteja no seu primeiro ano, a satisfação e tranquilidade como orientanda são evidentes, pois a relação construída com a orientadora tem sido fundamental para enfrentar os desafios de forma saudável. Relação essa baseada em respeito, compreensão e trocas construtivas, essenciais para um desenvolvimento acadêmico e pessoal, necessário para a vivência da pós-graduação com confiança e determinação. Passo agora a palavra a minha colega do Mestrado da turma de 2023.

A vivência no Programa de Pós- Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia, em nível de mestrado, foi um processo iniciado em março de 2023 e vem contribuindo para minha formação crítica, por meio de experiências no campo do ensino, pesquisa e extensão.

Embora compreenda que a experiência *stricto-sensu* seja, muitas vezes solitária, regada de responsabilidades e novos desafios, é fato que se consolida através da relação saudável e encorajadora entre orientador e orientando. De um lado um mentor, um educador experiente, com habilidades técnicas e expertise; de outro, uma aprendiz, uma discente com vivência profissional, mas com poucas habilidades acadêmicas.

A relação orientador e orientanda ocorreu de forma espontânea e familiar, considerando que ambas realizaram pesquisas conjuntas sobre educação, infância e violência sexual. Em 2009 atuei como pesquisadora no Sistema de Monitoramento e Avaliação – SMA do Programa Projovem Urbano, coordenado pela minha atual orientadora e desenvolvido pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Processo de Trabalho e Serviço Social na Amazônia – GETRA, vinculado a Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Essa experiência permitiu reviver o campo da pesquisa da graduação em Serviço Social na UFAM concluída em 2007, além da participação em pesquisas recente sobre violência sexual contra crianças e adolescentes. (2020-2022).

Na pós-graduação em Serviço Social, a relação orientador e orientanda se reconfigurou. As responsabilidades ampliaram, as leituras se tornaram densas, juntamente com o árduo desafio de conciliar mestrado e trabalho. Além disso, a relação subiu para um nível maior de exigência, necessária e inerente ao processo do mestrado. E apesar de entendimentos e posicionamentos distintos em determinados momentos, permanece o respeito, a hierarquia e o acolhimento para uma relação saudável e essencial nesse processo. Com certeza, como discente da pós-graduação, não sou a pesquisadora das atividades acadêmicas de outrora.

Por fim, na trajetória vivenciada no PPGSS, destaco a realização da disciplina optativa e do estágio docente realizados com a orientadora que agregou conhecimentos e experiência na minha vida como pesquisadora, ampliando a relação orientador-orientanda. Ainda que a trajetória na pós-graduação seja árdua para ambas, as orientações têm ocorrido satisfatoriamente e busco superar os desafios. A relação entre orientadora e orientanda está baseada no respeito, compreensão, acolhimento, exigências e pressões que essa fase exige, pois como se diz: “nem tudo na vida são flores, mas quando forem regue-as”. É nessa imagem de jardim do conhecimento, em meio aos espinhos que me aprimoro e desperto para o campo da docência em breve, e fortaleço a relação entre mestre e aprendiz.

Prossigo nos relatos para compartilhar minha experiência a respeito da relação orientando/orientador sob o ponto de vista da orientanda. Sou da turma de 2023. Com o ingresso na pós-graduação, tanto o aluno quanto o professor orientador enfrentam muitos desafios, considerando que cada um possui suas vivências e trajetórias únicas. No que se refere ao orientando, ele carrega consigo expectativas diversas diante da experiência que o mestrado proporcionará. O aluno espera adquirir novos conhecimentos, desenvolver habilidades de pesquisa avançadas e receber orientação acadêmica que o guie durante todo o processo. Além disso, o orientando traz consigo umas experiências anteriores únicas e singulares que influenciam sua abordagem aos estudos e à pesquisa e espera que o orientador compreenda e valorize essa trajetória pessoal. Por outro lado, o professor orientador enfrenta o desafio de conciliar suas próprias responsabilidades acadêmicas e profissionais com a necessidade de fornecer um acompanhamento a cada aluno.

No meu caso, a experiência da relação orientando/orientador tem se mostrado bastante rica e desafiadora. Desde o início do mestrado, fui confrontada com a realidade de que minha visão inicial sobre o processo de orientação era um tanto idealizada: imaginava que teria muito tempo disponível com minha orientadora, que passaríamos horas discutindo sobre meu tema de

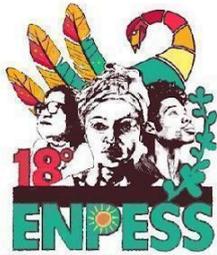
pesquisa. A realidade, porém, revelou-se bem diferente. Tanto eu quanto minha orientadora tínhamos uma série de compromissos adicionais relacionados ao mestrado, o que restringia significativamente o tempo que podíamos dedicar a esses encontros.

A partir dessa situação, um dos maiores aprendizados que obtive durante as orientações foi o preparo para a escrita acadêmica de qualidade. A disciplina da leitura atenta, a prática do fichamento e a compreensão profunda das ideias transmitidas pelos autores passaram a ser requisitos fundamentais. Antes do mestrado, eu estava acostumada a uma rotina de "correria", onde a rapidez e a eficiência eram prioridades, muitas vezes em detrimento da profundidade e da reflexão. No ambiente acadêmico, entretanto, fui desafiada a abandonar essa pressa e a aprender a dedicar tempo e esforço para realmente me apropriar dos conteúdos com os quais dialogava em minha pesquisa.

Esse processo de aprendizado não foi fácil. Conciliar a leitura de qualidade com os prazos rigorosos exigidos pelo mestrado, além dos compromissos de trabalho e vida pessoal, revelou-se uma tarefa árdua. Frequentemente, senti-me sobrecarregada pela quantidade de material que precisava ler e compreender, assim como pela necessidade de produzir textos que refletissem um entendimento profundo e crítico dos temas abordados. A certa altura, sentindo-me sobrecarregada com esse novo mundo que se desdobrava diante de mim, decidi conversar com minha orientadora: eu estava tendo dificuldades para acompanhar o ritmo do mestrado. A sensação de que não estava conseguindo produzir nada com a qualidade desejada me desanimava progressivamente. Nesse momento de vulnerabilidade, minha orientadora mostrou-se solidária e, juntas, reconstruímos nossa relação de trabalho. Ela compreendeu minhas dificuldades e propôs novas estratégias para superar os obstáculos. A partir desse apoio, comecei a sentir-me mais confiante, pois a opinião dela sempre foi, e continua sendo, de extrema importância para mim.

Minha orientadora desempenhou um papel essencial nesse desenvolvimento. Ela não apenas exigiu um alto nível de comprometimento e qualidade na escrita, mas também ofereceu suporte e orientação necessários para que eu pudesse atingir esses padrões. Através de seus comentários, aprendi a valorizar a importância da paciência e da dedicação no processo de pesquisa e escrita acadêmica. Cada encontro, tornou-se uma oportunidade valiosa de aprendizado e aperfeiçoamento no qual pude observar como minha orientadora fazia e, assim, aprender com ela.

A relação orientando/orientador, em meu caso, foi um verdadeiro campo de aprendizado e desenvolvimento. A experiência me ensinou a equilibrar expectativas com a realidade, a valorizar



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

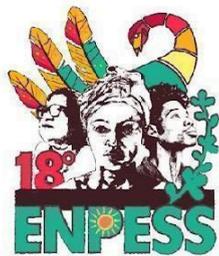
Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

a qualidade sobre a quantidade e a entender que o processo de pesquisa acadêmica é, em sua essência, um esforço contínuo de dedicação e aprimoramento. Percebo hoje que as exigências da minha orientadora, que às vezes me pareciam excessivas, faziam parte integrante do processo de aprendizado. Porém, combinadas com os prazos, as demandas das aulas e os inúmeros relatórios a serem preenchidos, essas pressões me deixaram atordoada a ponto de considerar desistir. O meu retorno ao ambiente acadêmico me impactou profundamente. A pesquisa requer um rigor científico que é indispensável para qualquer um que se propõe a investigar seriamente e, precisava me apropriar deste processo. Mesmo assim, cada sessão de orientação era rica em informações valiosas sobre a pesquisa, técnicas de leitura e o papel do pesquisador, levando-me a refletir sobre a importância de estar bem-preparada para a escrita acadêmica.

Essa experiência no mestrado, embora repleta de desafios e momentos de incerteza, revelou-se fundamental para o meu crescimento acadêmico e pessoal. A relação com minha orientadora evoluiu de um cenário idealizado para uma parceria real, marcada pela compreensão mútua e apoio contínuo. As dificuldades enfrentadas fortaleceram minha resiliência e capacidade de adaptação, ensinando-me a importância da persistência e da qualidade na pesquisa acadêmica. Ao final desse percurso, sinto-me mais preparada e confiante para enfrentar os próximos desafios, ciente de que o aprendizado adquirido vai muito além dos limites da sala de aula. Essa jornada reafirmou a importância do diálogo e da colaboração no processo de orientação, elementos essenciais para o sucesso e a realização plena no ambiente acadêmico.

Por fim, chegou a vez do relato da orientadora. Sinto-me grata pelo reconhecimento do esforço e habilidades adquiridas no processo de orientação de mestrandos desde 2008, quando ingressei no PPGSS. Reconheço que valorizar a pessoa e não somente sua produção tem feito a diferença. Neste sentido, tenho-me esforçado para orientar e cobrar as atividades acadêmicas considerando a peculiaridade de cada um. Mas, o longo processo de orientação não tem sido fácil. Tive conflitos com alguns alunos a ponto de eles quererem desistir ou mudar de orientador devido à pressão imposta, mas, o diálogo e o reconhecimento das minhas limitações em lidar com as limitações discentes foi o combustível para prosseguir no relacionamento orientador-orientando e orientando-orientador pois é uma via de mão-dupla.

Outro aspecto importante é o planejamento. Eu insisto nele, embora não tenha sido mencionado por nenhuma das orientandas. Significa, a meu ver, que o orientando ainda não se apropriou de sua importância. Todo início de semestre, eu solicito um plano de atividades que



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

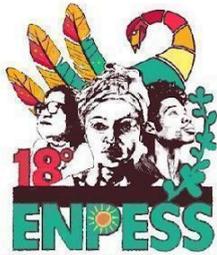
contemple leituras, anotações, produções e atividades inerentes ao mestrado. Esse tem sido um dos principais desafios da orientação - convencer o aluno a elaborar um bom plano, pois é o início de tudo. Costumo dizer que errar no planejamento é errar na execução. Planos são feitos, eu os avalio, devolvo para que sejam refeitos e, às vezes, sinto vontade de eu mesma fazê-los para ter menos trabalho. Por outro lado, o plano precisa sair do papel. Disciplina e monitoramento são essenciais para execução das atividades previstas no plano.

A realidade de alguns é prever muitas leituras no plano, sem considerar a própria capacidade de leitura, o tipo de leitura e a densidade do material a ser explorado. Diniz (2013) nos apresenta os “tipos” de leitoras: burocrata, atriz, desnorteada e criativa. É fácil reconhecer o leitor que todos devem ser – criativos. Todavia, a leitura de qualidade - criativa, profunda e dialógica – é ainda coisa rara. Parece que está todo mundo correndo o tempo todo e fazendo muita coisa ao mesmo tempo na pós-graduação e fora dela. O bendito ‘produtivismo’ ou ativismo é um perigo a vida acadêmica. Isso nos remete ao planejamento do tempo para as leituras e anotações. Este é outro grande desafio - convencer o aluno ler bem - e mais ainda a se tornar um leitor – alguém que lê, lê novamente e lê mais uma vez até entender o que o autor disse, o que quis dizer. Lê porque gosta de ler, porque quer conhecer e, portanto, separa tempo diariamente para ler, tem sempre um livro à mão.

Além da elaboração de plano e das leituras, é preciso fazer anotações de conceitos e ideias das obras lidas pois se tornarão a base para produção de artigos, capítulos, dissertações e teses. Encerro este relato, ressaltando o desafio da escrita científica. Para escrever bem é preciso ter ideias na cabeça, ou seja, conhecer o assunto – encher a mente e o coração - ler livros inteiros, se manter atualizado sobre o tema. Como se vê plano, leitura e escrita são inseparáveis. Além disso, é preciso ter em mente que a escrita de qualidade requer tempo e dedicação. Não dá para escrever rapidinho, em cima da hora, sem se debruçar e remoer as ideias a ponto de elas transbordarem da mente para o papel.

5. Considerações Finais

Todos fomos contaminados pelo “vírus” do produtivismo. *Publish or Perish* (publique ou morra). Geralmente, quando surge uma oportunidade para publicação em revistas ou apresentação de trabalho em eventos nos sentamos para produzir. Esse relato de experiência não



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

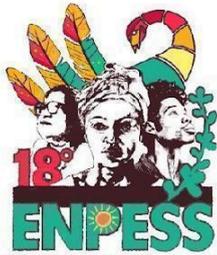
tem sido diferente. Esse *modus operandi* reflete a forma como vem sendo conduzida a orientação, incluindo cobranças dos produtos acadêmicos. Se por um lado, não podemos prescindir da produção intelectual, por outro, é mister considerar os elementos facilitadores e os desafios da relação orientador/orientado que afetam as produções, sobretudo, a dissertação.

Os relatos apontam a confiança mútua; a valorização da autonomia e qualidades dos orientados; o reconhecimento dos limites do orientador e orientando; a organização, o cuidado da saúde, o respeito, o encorajamento, a compreensão mútua e o equilíbrio das expectativas como elementos facilitadores de um relacionamento saudável e satisfatório entre orientador e orientando. Todavia, tais qualidades são forjadas no processo dialógico respeitando os papéis de cada um e dificilmente se consegue alcança-las plenamente. No entanto, as experiências compartilhadas sinalizam a consciência dos envolvidos frente os desafios a serem enfrentados: sobrecarga de trabalho, falta de tempo, prazos, conflitos de expectativas, divergências de posicionamentos, indisciplina, procrastinação, ativismo, pressa, limitações de orientador e orientandos e leituras superficiais.

Em suma, a responsabilidade pelo sucesso da pós-graduação, inclusive do Programa de Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia, é coletiva. Requer uma avaliação das configurações das relações orientadores e orientandos e, conseqüentemente, um planejamento para definição dos rumos pretendidos pois não é admissível uma desprofissionalização da orientação que comprometa a qualidade do mestrado. O projeto político da pós-graduação deve incluir “além da matriz curricular, definições explícitas sobre a orientação”. (Nóbrega, 2018, p.1072)

6. Referências

- ANDRADE, Roberta Ferreira. PINHEIRO, Hamida Assunção. CAVALCANTE, Lidiany de Lima. SILVA, Escarlete Raíssa Evangelista. Debutando na Amazônia: Os 15 anos do PPGSS da UFAM e sua contribuição para a sociedade. In: **A Pós-Graduação na Regional Norte da ABEPSS e sua importância para a sociedade: desafios, resistências e estratégias.** / Joana Valente Santana, Vanda Micheli Burginski (organizadoras). – Palmas, TO: EdUFT, 2024. 176p.
- ANDRADE, Roberta Ferreira. PINHEIRO, Hamida Assunção. CUNHA, Marinez Gil. A Pós-graduação em Serviço Social na Universidade Federal do Amazonas: contribuições para a sociedade. In: **Revista Serviço Social e Sociedade.** São Paulo, n. 139, p. 488-499, set./dez. 2020.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

CAPES. **Relatório de Avaliação Serviço Social. Avaliação quadrienal (2017-2020)**. Disponível em

https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/avaliacao/19122022_RELATORIO_AVALIACAO_QUADRIENAL_comnotaServioSocial.pdf. Acesso em 08 de julho de 2024.

CAPES. **Sistema Nacional de Pós-Graduação - SNPG: Avaliação da Pós-Graduação**. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/avaliacao/sistema-nacional-de-pos-graduacao-snpg>. Acesso em: 24 jul. 2024.

CAPES. **Ficha de Avaliação**. Grupo de Trabalho. 2019. Disponível em <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-fichaavaliacao-pdf>. Acesso, 25 jul2024

DEMO, Pedro. DE DISSERTAÇÕES E TESES (Pós-graduação Stricto sensu) “Manual” de sobrevivência. Disponível em <https://pedrodemo.blogspot.com/2021/>. Aceso em 23.07.2024.

DINIZ, Débora. **Carta de uma orientadora**. O primeiro projeto de pesquisa. Brasília, Letras Livres, 2013.

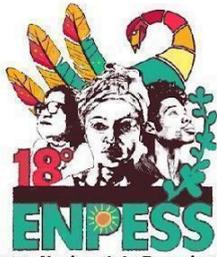
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Amazonas**. Censo 2022. Disponível: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am.html> Acesso: 11.jul.2024

LEITE FILHO, Geraldo Alemandro e MARTINS, Gilberto de Andrade. Relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. In **RAE**. Vol.46. Edição Especial Minas Gerais.

NÓBREGA, Maria Helena da. Orientandos e Orientadores no século XXI: desafios da pós-graduação. In **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.44, n.3, p.105-1076, jul/set.2018.

SILVA, Escarlete Raíssa Evangelista da. **Avaliação da pós-graduação em Serviço Social em xeque: caminhos, avanços e desafios de um programa na Amazônia**. 190f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, 2022.

SILVA, Escarlete Raíssa Evangelista. ANDRADE, Roberta Ferreira. Resgatando memórias para escrever o futuro: 15 anos do PPGSS/UFAM. In: **Questão Social e Serviço Social na Amazônia**. Roberta Ferreira Coelho Andrade, Hamida Assunção Pinheiro, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues Chaves, Cristiane Bonfim Fernandez (orgs.). Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2022.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

SILVA, Maria Liduína de Oliveira e; NOZABIELLI, Sandra Regina; RODRIGUES, Terezinha de Fátima. Inserção Social como Função Política da Universidade: resistências e perspectivas. In **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n.139, p. 427-439, set/dez. 2020.